

A volta do gato assassino

Anne Fine

Ilustrações Sofia Balzola

Tradução Mariana Rodrigues

Temas Amizade; Conflito; Animais domésticos



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Azul nº 8
64 páginas



O LIVRO *Veludo* é um gato muito especial: irônico, preguiçoso, e adora a boa vida que tem. Há os que diriam que esse gato “se acha” ou, em linguagem própria das crianças, que ele é um tanto metido. No entanto, é quase impossível deixar de reconhecer que, apesar de insolente (“podem me dar um puxão no meu rabo”), ele é mesmo corajoso, um traço de caráter valioso. Afinal, *Veludo* defende com todas as forças o que acha que é melhor para ele. Como não se deixar cativar por essa leitura?

A AUTORA Anne Fine nasceu em Leicester, Inglaterra, em 1947. Tem mais de 40 títulos publicados para crianças e adultos e recebeu inúmeros prêmios por sua obra. Vários de seus livros foram traduzidos para outros idiomas; alguns adaptados para o rádio e o cinema, como *Uma babá quase perfeita*, filme norte-americano de 1993, estrelado por Robin Williams. *A volta do gato assassino* continua as aventuras do afiado gato *Veludo* em *Diário de um gato assassino*, também publicado pela Edições SM, em 2004.

A ILUSTRADORA Sofia Balzola nasceu em Bilbao, Espanha, em 1965. Estudou Belas-Artes e desenvolve vários trabalhos como ilustradora para muitas editoras, jornais e revistas de seu país.



Mergulhando na temática

NARRADOR-PERSONAGEM

Narra na 1ª pessoa e participa intensamente dos acontecimentos da história que se sucedem linearmente. Interpela freqüentemente o leitor, com quem estabelece uma relação de intimidade.

GATOS NOS DESENHOS ANIMADOS E HQS

Nas histórias dos estúdios de Walt Disney, Madame Min tem um gato preto que é cúmplice de todas as suas maldades. Os gatos da turma do Manda-Chuva são boêmios e aprontam confusão pelos becos, onde são perseguidos por um guarda que procura manter a ordem a todo custo, desmantelando suas orquestras noturnas pelos telhados das casas. Garfield é preguiçoso, sedentário, eticamente questionável.

GATOS EM LENDAS

Em algumas lendas, os gatos são mensageiros dos magos. No Egito, o bichano era mumificado junto com seu dono. Lendas contam que o gato venceu a serpente da escuridão no corpo de Rá. Era adorado pelos faraós porque trazia sorte. Bastet é um leão com cabeça de gato. Essa divindade era a mãe dos reis e se enfeitava com uma serpente. Ensinava os homens sobre o amor e ouvia as queixas dos apaixonados. Podia transformar-se numa gata selvagem, como a orixá africana da etnia iorubá, Iansã.

A simbologia sobre o felino é ampla. Nos contos populares, o gato tomava a forma de princesa. O francês Charles Perrault transformou o Gato de Botas no felino mais famoso dos contos de fadas.

INTERPRETANDO O TEXTO

FÉRIAS EXISTEM PARA SEREM APROVEITADAS

Não é raro escritores prolongarem a vida de personagens que fazem sucesso entre os leitores. Esse é o caso de Veludo, que apareceu pela primeira vez no livro *Diário de um gato assassino*. Agora ele retorna com o humor característico de Anne Fine, no *A volta do gato assassino*.

Desta vez, o gato Veludo conta, em primeira pessoa, como **narrador-personagem**, o que se passou nos seis dias em que sua família viajou de férias, deixando-o aos cuidados do padre Silas. Logo no início do primeiro capítulo, ele repete as palavras que, podemos dizer, funcionam como mote desde o primeiro livro: “Está certo! Podem bater nas minhas patinhas peludas. Eu arruimei uma confusão. Das grandes” (p. 7).

Até mesmo leitores um tanto distraídos notariam o arroubo de coragem com que Veludo repete essas palavras. Afinal, ele não é um gato qualquer, mas um gato que se sabe gato, e isso faz toda a diferença. Ora, saber-se gato significa ter consciência de suas características físicas (“É claro que sou macio e peludo. Eu sou um gato”, p. 10) e, principalmente, de sua natureza de felino. Em outras palavras, tem consciência de sua diferença, daquilo que o particulariza: “nós, gatos, não fomos feitos para ficar por aí como cachorros e fazer exatamente o que nos dizem, encarando as pessoas com devoção...” (p. 7).

Assim, as férias da família representam para Veludo um momento de liberdade, em que ele tem a oportunidade de fazer tudo o que mais gosta sem ser importunado, sem ser continuamente repreendido pelos pais de Carol, ou mesmo sem ser “afagado e apertado por Carol e pela tonta de sua amiga Susana” (p. 10).

Tudo seria perfeito, não fosse o fato de que dessa vez quem vai cuidar da casa e de Veludo não é D. Isaura, mas sim o padre Silas. Desde o primeiro momento, o padre é visto como um intruso (“Uh! Parece a rainha do lar!”, p. 13), e sua presença representa um obstáculo à liberdade almejada pelo gato. Um clima de animosidade se instala entre eles, e Veludo se esmera em mostrar quem é quem naquela casa: “se eu quiser arrANHAR a mobília, vou arrANHÁ-la e pronto!” (p. 13).

O auge da provocação se dá em torno da comida: o padre se recusa a renovar a comida de Veludo enquanto ele não comer tudo o que já estava na vasilha. Veludo, por sua vez, ignora

a “gororoba do dia anterior” (p. 14), desprezando solenemente os chamados (do padre) para terminar seu jantar. Voluntarioso que é, sai e passa a noite em grande farra, comendo até se fartar e miando em alto e bom som, como uma verdadeira orquestra, “bem embaixo da janela do quarto dele” (do padre, p. 19) com sua turma — Tigre, Bela e Xodó. O padre, furioso pelas horas de insônia que teve de enfrentar em razão daquele miado todo, tenta proibir Veludo de sair novamente à noite, mas o gato usa sua astúcia para assegurar seu direito de ir e vir quando bem entender, sem ser percebido pelo padre Silas. Seu azar — ou terá sido sorte? — foi ter sido visto por Susana, a amiga de Carol, justo quando ela tentava saber do padre Silas se rezar a ajudaria a encontrar um bichinho de estimação “como Veludo, aqui na cerca viva” (p. 22). Não deu outra: flagrado em seu esconderijo e com o padre em seu encalço, Veludo, como bom felino, salta para cima de uma grande árvore.

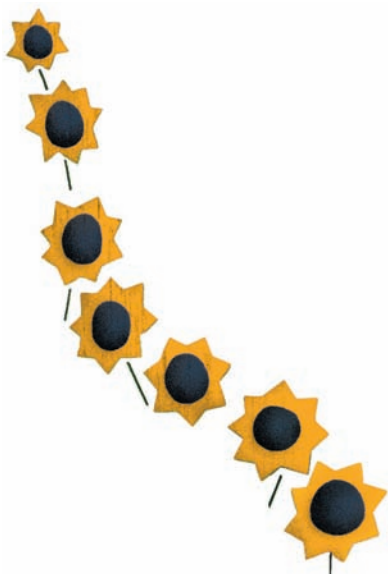
Sem conseguir descer de lá sozinho, Veludo, pela primeira vez, deseja a ajuda do padre para resolver a situação: “eu não estava dificultando as coisas”; “queria realmente descer” (p. 28). Essa posição de dependência, contrária à natureza dos gatos, deixa Veludo vulnerável, sujeito a fantasias de perseguição: “Por um horripilante segundo pensei que ele planejava derrubar a minha árvore” (p. 35). Apesar disso, ele não dá o braço a torcer. Quando o brilhante plano do padre Silas falha e Veludo é catapultado para o cesto de palha de Susana, seu comentário é: “eu não gostaria de fazer isso de novo, mas a vista lá de cima era espetacular. Espetacular!” (p. 39).

UMA GATA MUITO MIMOSA...

O que ocorre em seguida não deixa de ser, em certo sentido, previsível. Por que razão Veludo resistiria às delícias prometidas e cumpridas por Susana, que acredita ter sido atendida em suas preces quando depara com um gatinho (“igualzinho ao Veludo”, p. 42) em seu cesto? Para fugir da gororoba, Veludo se deixa “baptizar” de Mimosa, ainda que o tempo todo ridicularize aquele nome (“antes de mais nada, sou um garoto”, p. 44) e toda a parafernália que passa a acompanhá-lo: a touca de renda, a camisola de babados.

Empenhado em se disfarçar, ele se esmera em ronronar amistosamente na frente do padre Silas. Mas este, ao contrário de Susana, “boazinha, mas não muito esperta” (p. 47), quer passar a limpo aquela história de “Mimosa” e levanta Veludo do cesto para um





teste. Nesse ponto, Veludo se equipara ao modelo do herói clássico, que tem de passar por diversas provações: “algumas pessoas têm de andar no meio do fogo. Outras são mandadas em viagens de sete anos. Algumas têm de partir e fazer fortuna. Outras ainda matar dragões ou ir em busca do Cálice Sagrado” (p. 48). É uma das passagens mais divertidas do texto. Em primeiro lugar, devido ao contraste entre as provações grandiosas citadas por Veludo e aquela pela qual estava prestes a passar (ser erguido do cesto). Em segundo, pelo fato de nos vermos diante de um gato erudito, conhecedor de literatura e do modelo do herói clássico.

É outro momento de tensão para Veludo, o segundo confronto entre ele e o padre Silas, uma verdadeira “queda-de-braço”. Veludo estava novamente em apuros, prestes a ser descoberto. Ao erguê-lo do cesto, o padre põe o gato à prova e o trata como Mimososa: “Gatinha linda! Linda, linda, linda!” (p. 50), o que deixa o leitor em dúvida: não teria mesmo o padre percebido o truque de Veludo ou estaria ele novamente tentando a estratégia da provocação? O fato é que, com um simples ronronar, Veludo sai ileso da situação. Será que ele vai se render?

É claro que sim, pois ninguém é de ferro e a história tem que ter um desfecho. Afinal, Veludo não é considerado um gato assassino? Onde está a vítima dessa vez? A capitulação de Veludo se dá, como não poderia deixar de ser, através das provocações de seus amigos, Bela, Xodó e Tigre. Ser chamado de “gorducha”, “baleia”, foi demais para ele, que não poderia admitir a humilhação, pelo menos vinda de seus iguais. Confusão armada, eles se engalfinham em uma briga em que voam tufos de pêlos, tiras de camisola e de touca para todos os lados, até que Veludo é finalmente reconhecido: “ô Ludo! Até que enfim!” (p. 55).

Tarde demais. Para Susana e para a família que retorna da viagem, exatamente a tempo de ver as “evidências do crime” espalhadas por toda parte — Mimososa foi assassinada. O culpado? Veludo, é claro. Carol e sua mãe deram por certa a história que ouviram da chorosa Susana.

A narrativa termina com Veludo indignado, irônico diante da credulidade de todas aquelas pessoas (“as famílias não existem para que uns apoiem aos outros?”, p. 60), mas altivo, como se dissesse “quem não deve não teme”.

No fundo, ele sabe que tudo aquilo é um grande equívoco e se acha superior a todos.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Este é o momento de apresentação do livro como suporte do texto literário: trata-se de conhecer os dados da capa, contracapa, nome da autora, ilustradora, tradutora, editora, ano de edição, coleção.

Uma primeira aproximação dos leitores à história pode ser feita exclusivamente pelas imagens, solicitando aos alunos que digam o que elas lhes sugerem. No entanto, nesse momento também é possível ater-se somente à capa, explorando seus planos — a relação figura-fundo —, trazendo o personagem para o centro do debate: lá está ele, o gato, de óculos, com uma vibrante capa vermelha à moda dos super-heróis, em cima do muro, tendo como pano de fundo a vista noturna da cidade. Toda essa riqueza de detalhes permite o valioso exercício da descrição oral pelos alunos, mobilizando seus conhecimentos prévios e possibilitando predições sobre o próprio personagem, sobre o cenário e os acontecimentos que aí vão se desenrolar. É importante que se faça um registro dessas predições para checá-las posteriormente.

A descrição dos aspectos físicos dos personagens desta história se sustenta pela ilustração e não pelo texto. Nesse sentido, sugere-se levar os alunos a notar o aspecto caricatural das imagens do livro, especialmente as do gato, como uma contribuição para reforçar o humor do texto de Anne Fine. Do ponto de vista didático, esse questionamento auxilia os alunos a se aproximar do universo ficcional como lugar da pura invenção, tanto textual como imagética. Assim, aos poucos os leitores vão se dando conta das possibilidades ilimitadas da narrativa literária, na qual bichos podem falar, pensar, sentir, ter propósitos e opiniões próprias.

Outro aspecto a ser trabalhado é o título da história: que crime teria cometido o gato?

DURANTE A LEITURA

Sugere-se que o professor leia com os alunos os títulos de todos os capítulos, chamando a atenção sobre o primeiro e o último, pois, se é verdade que toda história tem um começo e um fim, não é usual que eles apareçam tão literalmente nomeados: “como começou”, “como terminou”. É possível que muitas crianças se reconheçam nessa linguagem singela e que possam até utilizá-la quando produzirem seus textos.

Quando se trata de “fisgar os leitores” para percursos da leitura literária, é recomendável que se compartilhem com eles os objetivos que se têm com essa leitura, o que pode variar muito conforme os interesses do professor em cada momento de seu trabalho. Uma dentre as muitas possibilidades é a de propor aos alunos conhecer melhor como se constrói um personagem,



aproveitando que a história é contada do ponto de vista do gato, narrador-personagem.

Vale chamar a atenção dos alunos, ao longo de toda a história, para a maneira como Veludo se vê, observando o que ele diz de si mesmo, já que se tem em alta conta, o que diz de seus donos, do padre, de Susana. Afinal, ele é o narrador-personagem, mas sua participação na história não se dá pelos diálogos. O leitor entra em seu universo por monólogos interiores (quando o personagem conversa consigo mesmo) e pelo relato de suas ações e sentimentos. Seria interessante que os alunos pudessem ir aos poucos diferenciando no texto todos esses elementos, discutindo e registrando as informações que permitem caracterizar o personagem.

O professor pode estimular os alunos a perceber que nesta história os acontecimentos evoluem em torno da relação de antagonismo entre Veludo e o padre Silas, propondo aos alunos uma questão: será que o padre Silas não queria fazer uma provocação quando disse a Susana que gostaria de fazer um teste para saber quem estaria dentro do cesto? É possível encontrar no texto argumentos a favor disso, por exemplo, quando o padre, tirando o gato do cesto, diz: “quem é a gatinha mais esperta do mundo, hein?”. Ou, ao contrário, será que ele se convenceu mesmo que se tratava de uma gatinha?

É importante destacar para os alunos também os recursos de escrita que a autora e a edição usaram para produzir determinados efeitos no leitor, como na irritação do padre Silas: “Veluuudo! Onde você ESTÁ?”. Ou, então, a brincadeira, no capítulo seis, em que as letras da expressão “para baixo” são dispostas literalmente em queda.

Para que os alunos avancem em sua compreensão do texto, eles podem recapitular a história, recontando-as de modo sintético e, se possível, dando-lhe novos títulos. Além disso, ao longo da leitura do livro, suas hipóteses iniciais devem ser conferidas e, se necessário, modificadas.

DEPOIS DA LEITURA

Uma maneira de aproveitar ao máximo a leitura dos alunos é fazendo apreciações, escritas ou orais, sobre a história lida com eles ou para eles: se gostaram ou não, se há alguma característica dos personagens que lhes chamou mais a atenção, se alguma passagem foi especialmente divertida, o que acharam das ilustrações etc. É também muito interessante perguntar aos alunos se reconhecem traços de Veludo em gatos de outras histórias, como *O gato de botas*.

São muitas as possibilidades para ampliar os conhecimentos dos alunos com relação às figurações do gato no imaginário popular, como as músicas de *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, os



poemas do livro *Um gato chamado Gatinho*, de Ferreira Gullar, em filmes, como *Um dia, um gato*, que fala de um gato que adivinhava o que as pessoas pensavam.

Criar personagens e fazê-los evoluir em uma história é um exercício fundamental para que as crianças integrem a leitura e a escrita. Pode-se propor a elas que criem os diálogos entre Veludo e o padre Silas nas mais diferentes situações do livro.

Além disso, como toda criança já experimentou um dia, mesmo por poucas horas, aquela sensação de liberdade, semelhante à de Veludo, quando ficam longe dos adultos: “oba, vou poder fazer só o que tenho vontade, sem ter ninguém para implicar comigo”, pode ser muito interessante pedir aos alunos que relatem oralmente ou por escrito como foi esse dia ou momento, o que fizeram, se aconteceu alguma coisa de inesperado, quais foram as conseqüências (os pais ficaram bravos?) e como tudo terminou.



ELABORAÇÃO DO GUIA SONIA AIDAR FAVARETTO;
PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA; REVISÃO CARLA MELLO
MOREIRA, TÚLIO KAWATA E CARMEN OLIVIERI.